12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES.

A velha familia portugêsa

(Pagina inedita do grande artista Roque Gameiro)

Era assim a velha e tradicional familia portuguêsa, nos bons e serenos tempos em que o Lar e a Patria, finalidades supremas da Vida, eram um ideal comum. Haverá hoje progresso em tudo, nas ideias e nos homens — mas a grande massa anonima e trabalhadora do Pôvo, a Grei, não é mais feliz...

VÊR DENTRO A SENSACIONAL GRAVURA: OS CRIMES DA LEGIÃO VERMELHA

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 13

LISBOA 12 DE ABRIL DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO Ilustrado*

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*—EDITOR GERENTE *EDUARDO GOMES*—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má lingua

ALLELUIA!

Alleluia... Alleluia... Antigamente,
(andava eu de bibe e inda não lia!...)
fallava ao coração de toda a gente
este brado sonóro de alegria!..

Coisas que o mundo avaliou... perdendo-as,
pois, quando as tinha, tudo achava mau.
Hoje, a realeza branca das amendoas
abdica nos pasteis de bacalhau...

Amendoas!...—Se o calor das minhas queixas
a muitos parecer extraordinario
reparem no progresso das ameixas
(de figurino revolucionario).

Mas emfim... Por não ir de encontro á lei
mantida em temporadas successivas,
tal qual como cantava, cantarei
procurando encontrar notas festivas.

Alleluia!... Alleluia!...—Só não sei
que sombra escura anda rodando as portas...
—Alleluia!...—Esperanças sempre vivas?...
Echo tristonho de saudades mortas?...

TAÇO

comentarios

FOI um destes dias a missa do 30.º dia do falecimento de Angela. Nem um actor! Nem uma actriz, alem da grande Lucilia e de Angela Barros. Porquê? Porque no pequeno templo de oração já não havia o exibicionismo das grandes «toilettes» negras, nem o aparato teatral das dôres convencionais. Das centenas de mulheres de teatro que nós temos, não houve meia duzia que, piedosamente, soubessem orar pensando na alma generosa e desgraçada de Angela Pinto. E querem vocês magas e histriões eternos, que alguem os tome a sério?!

* * *

DESENAS de crimes de assalto e roubo se dão em Lisboa numa semana. Esses crimes ficam sempre impunes, desafiando e escarnecendo os seus auctores de toda a gente que trabalha.

Somos operarios, trabalhamos sol a sol, para angariar o sustento dos nossos — e sabe Deus com que custo! — Em nome desse trabalho não consentimos nem perdoamos o roubo. Não ha mentiras politicas ou tretas revolucionarias que convençam. Quem rouba, ameaçando de morte — para a cadeia.

E acabou-se.

OS VIGARISTAS

—Oh Joaquim, ha que tempos que não te vejo... Bons tempos, em que a gente andava na escola...
—E' impossivel, eu cá nunca andei na escola!...

questão prévia

POSSO sinceramente gabar-me de pertencer á escassa meia duzia de habitantes desta terra de Portugal a quem nunca foi oferecida uma refeição de homenagem.

Por falta de meritos dignos dum «crême à la vanille» ou por falta de confiança na resistencia do meu aparelho gastrico, a verdade é que nunca me sentei no lugar de honra duma mêsa em forma de ferradura (que, em certos casos, vále como um simbolo), afivelando na face aquela sorridente mascara de modestia, que compete a quem se sente rodeado por algumas dezenas de apetites prontos a saciar-se em nossa homenagem, tirando o maior proveito possivel do preço da inscrição.

E no entanto a homenagem culinaria reveste entre nós um caracter verdadeiramente endemico, atravessando periodos duma tal virulencia que só por milagre se escapa do almoço, do jantar, ou da ceia em honra ao merito.

Como jamais me foi oferecido, sequer, uma «sandwich» de homenagem, acho-me com toda a autoridade para falar desta maneira de exteriorisar admirações pelos talentos alheios, mas devo desde já fazer notar que, em mim não grita um apetite devorador de comer á custa alheia ou um despeito de pessoa que não consegue impôr aos seus contemporaneos qualidades dignas da consagração dum «menu», que vá desde o «potage royal» até ao «poncet aux cressons.» O que em mim fala é a mera observação de conviva de um «Te-Deum» deste genero.

* * *

Porque sou amigo do metodo e atendendo á boa aceitação que está tendo esta forma de homenagem, entendo que é preciso dar-lhe forma e consistencia, porque as refeições digerem-se e as consagrações pelo «menu» teem portanto, uma duração que não vae alem do tempo fisiologicamente necessario para a assimilação dos alimentos ingeridos e para esquecimento dos discursos proferidos.

Falando claro e direito, venho a dizer: quem recebe, por exemplo, a consagração do Santiago, pode ostentar na lapela emquanto fôr vivo e se usarem lapelas, um lacinho ou uma roseta rôxa, mas o homem de arte ou de politica, cujos talentos bem merecem dos seus compatriotas uma consagração pela cozinha, é que está inibido de exteriorisar a homenagem de que foi alvo, a menos que ande por essas ruas a arrotar os petiscos congratulatorios que lhe fôram oferecidos, o que é feio e incomodo.

Assim eu ousaria lembrar a criação oficial da Ordem do Apetite, com os seus graus, desde cavaleiro a grã-cruz e um regulamento severo, em que se preconisasse a mais rigorosa seleção nos alimentos e o uso do bicarbonato obrigatorio. Escusado será dizer que esta ordem teria um Grão Mestre e que para esse cargo estava naturalmente indicado o meu caro amigo Mario Duarte, director da revista «De Teatro» que interinamente tem vindo a desempenhar com brilho e extra-oficialmente essas futuras funções, agraciando com almoços, jantares e ceias artistas e escritores teatrais tanto nacionais como estrangeiros.

Se me fôsse permitido proporia, para a muito nobre Ordem do Apetite, como distintivo, um pequenino ôvo estrelado, que os agraciados ostentariam nas lapelas, acompanhado de um garfo, para os cavaleiros (almoço de homenagem), dum garfo e duma faca para os comendadores (ceia de despedida) e de colher, garfo e faca, para os grã-cruzes (banquete de consagração).

Assim, não só uma pessoa sabia o que comia como tambem os outros ficavam sabendo que tinha comido.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

A noticia de que o general Primo de Rivera deixava Ceuta a 10 do corrente, e ao desembarcar no solo patrio se dedicaria a uma activa propaganda politica por varias cidades da Andaluzia, chamou muito as atenções para a visinha Hespanha, onde hoje o general representa uma das fortes correntes de ideias politicas em que se dividem principios e teorias do velho continente europeu.

E o mais interessante é que o encanecido general não desiste de ser ele o correio de ideias velhas e o obreiro d'uma era nova na terra do Cid. E' assim que responde aos que constantemente anunciam a sua queda proxima.

* * *

E para mostrar que o directorio pelo general chefiado quer ser o criador do novo amanhã politico, a «União Patriotica», organismo por esse directorio criado, para substituir os antigos partidos, lançou ao paiz um vehemente manifesto, em que procura desvendar um pouco esse amanhã.

Nesse manifesto a «União» confessa que se desmembrará com o tempo nos futuros partidos — partidos novos e sem mancha — mas sempre se estabelecerá como pilar da grandeza da Hespanha a monarchia, e o desaparecimento total dos velhos costumes politicos.

...No meio da barulheira que lavra, pela Europa, não se devem conservar moucas as orelhas ás palavras que sôam de Hespanha.

* * *

O Principe de Galles continua a passear alta e com galhardia a bandeira ingleza atravez dos oceanos...

Todavia a nova sensacional d'uma revolta dos indigenas na Africa do Sul corre mundo. Sobre ela disse oficialmente o general Hertzov, primeiro ministro:

«Os indigenas de todo o territorio vigiam atentamente a situação, e um primeiro desastre pode ter consequencias graves...»

Mas logo a seguir acrescenta:

«Julgamos prudente esperar que estejamos bastante fortes para podermos manobrar com segurança».

A historia mostra que a Gran-Bretenha tem sempre sabido como deve manobrar nestas ocasiões...

E sua Alteza o Principe de Galles poderá tranquilamente continuar passeando a bandeira ingleza atravez dos oceanos.

* * *

E' uso e costume afirmar-se que é na Inglaterra onde o regimen parlamentar, lá nascido, funciona em toda a sua pureza e seriedade.

Os que examinarem como no domingo de 5 de corrente se realisaram as eleições na Belgica—em cujos cadernos eleitoraes figura em toda a sua simplicidade o nome do rei Alberto—Não podem deixar de citar essas eleições tambem como um alto e nobre exemplo.

Todos os partidos a si mesmos se respeitaram, respeitando os adversarios.

E viu-se uma marcante dupla corrente para os partidos de ideias bem definidas: catolicos e socialistas, que ambos viram a sua representação aumentada.

E foi á custa dos chamados liberaes, esses politicos de ideias intermedias, cuja hora não é precisamente a que está passando.

Nestas eleições viu-se tambem votarem as viuvas, e as irmãs dos mortos da grande guerra, como venerandas depositarias das suas almas heroicas!...

A. ROCHA PEIXOTO

BAILADOS RUSSOS NO EDEN

écos

NA exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes ha ocasião de apreciar um notavel quadro do pintor sr. Carlos Reis. «A mulher e as aboboras», que o seu auctor expõe com o preço, no catalogo, de 50 contos redondos. E' talvez o quadro mais caro que se tem posto á venda em Portugal, mas, por certo tambem um dos mais belos.

RECEBEMOS os primeiros numeros do nosso novo colega o «Diario da Tarde» que muito agradecemos. Desejamos ao novo colega que se apresenta muito bem, longa vida e as prosperidades que justamente merece.

VAMOS dedicar varias paginas aos estabelecimentos de ensino.

Assim, sairá a pagina do Liceu de Passos Manuel, a pagina do Liceu Pedro Nunes, a da Faculdade de Letras, etc.

Pedimos aquelas entidades a quem nos dirigimos a fineza das suas respostas breves sobre os assuntos das respetivas cartas.

RECEBEMOS a revista literaria do Porto, «Labareda», que se apresenta primorosamente redigida e ilustrada, encerrando colaboração de Malheiro Dias, João Ameal dr. Pinheiro Torres, Mario Beirão, Americo Durão, Azevedo Pinto, etc. etc. Desejamos ao brilhante colega vida prospera e larga.

A notavel publicação «De Teatro», caricatural publicará um numero consagrado ás grandes figuras de teatro, mortas: Marcelino Mesquista, Augusto Rosa e Virginia Dias da Silva. Será mais um exito para a brilhante «De Teatro» e para Amarelhe, o grande caricaturista das nossas personalidades scenicas.

NASCIMENTO Fernandes vae ser homenageado no Politeama, em festa levada a efeito por um grupo de amigos, os srs. Guilherme P. de Carvalho, filho, Sebastião Teles, Roque da Fonseca e Henrique Ferreira. A essa festa associam-se as grandes vedetas da scena Palmira Bastos, Auzenda, Laura Costa, José Ricardo e Chaby. Será uma grande noite dedicada a um grande actor.

No proximo numero um conto inedito do grande humorista

ANDRÉ BRUN

O JUDEU ERRANTE Á MODA DO MINHO

QUESTÃO DE GENERO

—O que é?
—O sr. tinha ai um insecto...
—Alguma pulgasinha?
—Era, sim sr. mas ja o matei.

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

O Salão oficial do S. N. de Belas Artes é perfeitamente egual aos anteriores, com as mesmas caracteristicas e as mesmas deficiencias. Notas dominantes: um bom quadro de Carlos Reis, «A Mulher das Aboboras», pouca ou nenhuma escultura, e uma afirmação muito curiosa: o pintor Mario Augusto.

Todos os outros expositores mantem os creditos firmados. Na aguarela faltam os nomes de Roque Gameiro, Alberto Sousa, Helena Gameiro, Leitão de Barros, Martins Barata, Alfredo de Morais, Tertuliano e Paula Campos, que marcaram em exposições anteriores. Alves de Sá e Paulino Montez apresentam-se, como sempre, bem. Baptista tem um cartão admiravel e Leite expõe pouco.

No oleo, João Reis tem dois retratos muito bons, especialmente o do dr. Bensaude, de linda côr. Varela, duas lindas notas citadinas, muito decorativas, Martinho umas flores frescas, Alves Cardoso poucos trabalhos, Lucena umas manchas de côr interessante, Burnay umas estilisações modernas, o resto, mais ou menos, o costume.

O mestre dos azulejos portuguêses, Jorge Colaço, expõe admiraveis especimens da sua arte.

V. S.

A SORTE GRANDE DAS CREANÇAS!

VARINHA DE CONDÃO

um admiravel livro para os nossos filhos

As senhoras D. Thereza Leitão de Barros, nossa colaboradora, professora e escriptora ilustre, e D. Fernanda de Castro Ferro, poetisa de superior merito comprovado em tantas obras, e que é um delicado coração de mãe, acabam de lançar no mercado uma enternecedora obra para os nossos filhos. Bem hajam!

A creança portuguesa, mesmo a creança rica, está abandonada, sob este aspecto. Não tem livros, ninguem se preocupa com ela. Os pais, as mães, mesmo os que sabem que vale mais um livro que um pataco de bôlos indigestos, não tem que lhes dar. Bem hajam poi, as ilustres senhoras pela sua preciosa dadiva!

A «Varinha de Condão» que assim se intula a obra, é preciosamente ilustrada por D. Raquel Gameiro Ottolini a grande mestra das ilustrações infantis, acompanhada de sua irmã Mamia, e de todos os melhores nomes de ilustradores portugueses.

Bailados russos no Eden

QUESTÃO DE VONTADE

— Ainda chego a tempo de apanhar o rapido? . . .
— Isso depende da velocidade com que o senhor andar, partiu ha dois minutos apenas . . .

Crónica alegre

Coisas do Diabo

AQUELA ideia de evocar o Diabo, tinha rebentado no meu cerebro por geração expontanea, tal como os cogumelos e o sarampo. Por isso, mal apanhei á mão o calhamaço com a receita, corrí para casa e fechei-me a sete chaves no meu escritorio que, embora isso peze aos meus colegas cronistas, não tem pratos de Delft, nem lenços de Alcobaça, nem tapetes de Arrayolos, presuntos de Lamego ou queijadas de Cintra.

Deminui a luz e fiz a evocação mas, em vez de cheiro a enxofre chegou-me ao nariz o perfume do meu.

Nem pancada de tau-tau nem trovão abalando o espaço. Apenas o repenicado de um bandolim na vizinhança atormentando-me os ouvidos com o «Fado das Passagens d'esta Vida». Impaciente, comecei de novo:

— Astharot! Távárá! Uriel!

N'isto senti que alguem batia á porta com certa discreção.

— Pronto! Agora que ia no melhor da festa! Quem será a esta hora?! — e perguntei de mau modo — Quem é?!

— Um seu creado! — respondeu uma vóz masculina.

Abri a porta e vi um sujeito bem posto, já entrado em anos, correctamente vestido e cumprimentando com elegancia.

— Que deseja?

— Sou o Diabo! — e perante o meu pasmo — Desculpa não acudiu ao primeiro chamamento, mas o serviço de electricos está um horror! Se me dás licença, sento-me porque com a humidade, sofro horrivelmente do reumatismo!

Eu estava de boca aberta! Pois o Satanaz de rabo e chavelhos era aquele sujeito de côco alvadio e monoculo!

— Homem! Volta a ti que o caso não é para tanto! — disse-me — Chamaste-me para quê? Ora dá cá um cigarro e dize em que te posso ser util.

Já refeito da admiração, acendi tambem um cigarro e o mais á vontade que poude, comecei:

— Pois camarada Diabo, chamei-te porque tenho um negocio a propor-te!

— Vamos a ouvir: Mas já te aviso que, se é dinheiro que precisas vens muito mal recomendado!

— O caso em duas palavras, é este: — Deves saber que isto de escrever asneiras não dá nada! Aqueles a quem eu faço cocegas, andam de automovel e eu a pé. Os que me chamam inteligente jantam bem, vestem melhor, teem, mulheres bonitas e gastam dos perfumes predilectos; emquanto que eu, como vês pelo desenho em volta, janto o pão que tu amassas e a respeito de mulheres bonitas só as conheço dos bilhetes postais ilustrados!

— Bem, e depois?

— Depois, já estou farto disto! Lembrei-me então de te chamar afim de te propôr o seguinte: Tu ensinas-me os teus segredos, as tuas labias, as tuas tentações, e eu em troca dou-te a minha alma! Aceitas?

— E para que quero eu a tua alma?

— Ora essa?! Uma alma em estado de novo, sem manchas?!

— Mas para que me servem as almas? Ainda se fosses mulher, poderia tentar alguem com o teu corpo, mas assim . . . De resto, que te posso eu ensinar que não seja já conhecido de toda a gente?!

— Ora! Olha, a descobrir a pedra filosofal, por exemplo!

— A pedra filosofal?! — e o Diabo riu — O' desgraçado! Pois tu não sabes que ha muito está descoberta!? E' a pedra-pómes!

— A Pedra-pómes?!

— Sim! Não ha nódoa que lhe resista!

— E as tentações da carne!? Tu sabes a maneira de fazer nossa a boca mais honesta, de tornar escravo o corpo mais rebelde!

— E tu não sabes?! — e o Diabo tornou a rir — Pois olha que é facil! E' abrir a bolsa! Não tira a mulher que pretendemos? Tirará a mãe ou o amante, o pae ou a modista!

— Mas se eu não tenho bolsa!

— Então mata-te!

— Mas o Diabo, tu podias ajudar-me! Olha, em troca faço-te uns versos, meto-te como corista em qualquer teatro, faço-te uma scena de ciumes . . .

— Dá-me antes um calix de Madeira, seco.

— Não tenho.

— Então, Porto.

— Ainda menos!

— Homem! Ao menos um quarto de Vidago!

— Tambem não tenho! Posso arranjar-te a agua do contador mas aconselho-te a que tomes primeiro um purgante!

— Ora vê tu! Como queres ser gente se não tens um copo de qualquer vinho para oferecer a um pobre Diabo!

— Então, não tenho dinheiro . . .

— Dinheiro! Sempre o Dinheiro! Vez tu que afinal tenho razão!

— Pois por isso mesmo é que eu queria que me ensinasses a ser rico!

— Perde a vergonha e depois rouba.

— Não tenho geito!

— Então pede esmola, faz uma rifa, mete-te na politica, ou então, olha, casa rico! — e já com a mão na chave da porta o Diabo acrescentou — E depois aparece pelo Club! Vai agora lá uma francesa que tem umas curvas que parecem o arco maior do aqueducto das Aguas-livres! Aparece!

Atirei um «sume-te Diabo» e estive duas horas a pensar. Ao fim de duas horas, depois de pezar uma a uma todas as palavras do Diabo na balança decimal da minha sensibilidade, tive uma ideia: Vender-me.

E é por isso que se publica o seguinte

ANUNCIO

Homem, de vinte e dez anos, solteiro, magro, com um metro e setenta de altura; oferece-se para casamento ou outro serviço domestico, em casa de pessoa séria. Dá abonações e não se importa de ir para fóra. Carta a este jornal a

HENRIQUE ROLDÃO

Sports

LANÇAMENTO DO DISCO

SUA HISTORIA

Parecerá natural á primeira vista classificar o lançamento do disco, como um exercicio de agilidade; mas convem salientar que o disco era um utensilio muito pesado, de manejo dificil e que os lançadores procuravam projectalo o mais longe possivel. Era portanto um exercicio que exigia mais força do que agilidade. O disco consistia n'um bloco de metal macisso, ou n'uma pedra que se lançava a distancia.

Algumas vezes foi fabricado em madeira pesada, mas na generalidade na sua constituição havia apenas ferro ou cobre. Seguro por uma das mãos, ocupava todo o ante-braço.

A sua forma foi-se aperfeiçoando com o tempo.

O lançamento do disco é um exercicio antiquissimo, que remonta á idade heroica.

Os antigos afirmam ser Perseu, filho de Jupiter e Danay o seu inventor.

No tempo de Homero, o disco era uma massa de ferro, a que chamavam «solos»; era utilisado precisamente como saía da forja, sem trabalho de martelo; em termo mineiro, um verdadeiro «puddling».

Homero não especifica o seu peso; mas Achilles dá-nos uma ideia aproximada, quando referindo-se ao premio para os funerais de Patrocle, conclue, «Aquele que vier a possuir este bloco, terá ferro para 5 anos; mesmo que possua grandes terras, os seus pastores e trabalhadores, não terão necessidade de o adquirir nas cidades, tal será a sua abundancia».

E' natural que Homero tenha exagerado a questão.

Imaginai que volume teria o disco para fornecer ferro durante cinco anos!

E no entanto Polypetis levantava aquele bloco e lançava-o de maneira a dominar todos os seus rivaes. Dir-se-hia um cajado atirado sobre um rebanho de carneiros «(Iliada, livro XXIII»).

Conclue-se, da narrativa de Homero, que não havia alvo para o lançamento do disco, principio que foi sempre adotado em todas as epocas.

Cada atleta lançava a chapa por sua vez, certamente segundo uma ordem tirada á sorte esforçando-se por alcançar o maximo em distancia; o premio era concedido ao lançador de maior performance. Esta disposição mostra-nos bem que o disco era um exercicio de força e não de agilidade.

A distancia atingida por um homem vigoroso, foi considerada como unidade de referencia, semelhantemente ao termo nacional, «tiro de espingarda» muito em uso no ultimo seculo.

Como actualmente, o mesmo instrumento servia para todos os concorrentes e em cada lançamento, o local onde o disco caia, era marcado com uma flecha, ou por outro modo qualquer.

Assim na «Odysseia», foi Minerva, que disfarçada, notava os lançamentos de Ulysses; e fê-lo com tanta subtileza, que o maximo do heroe, era muito superior ao dos outros concorrentes.

Quando após a tomada de Troia, Ulysses, devido a uma tempestade, foi arrojado á ilha de Corfú (antiga Scheria), ficou admirado de observar que os seus habitantes (Phiacianos) praticavam o lançamento do disco.

De resto, durante, o cerco de Troia, os gregos faziam diariamente, lançamentos deste genero, em especial os Myrmidons, companheiros de Achilles, facto que Olysses igualmente observou.

A legenda de Hyacinto (1) prova-nos que em Sparta, o disco era muito cultivado, sem duvida, devido ás suas excelentes qualidades de preparação para a guerra, onde os homens se apresentavam com braços robustissimos aptos a manejar a espada e a atirar o dardo.

(1) Na mithologia grega, Hyacintho, heroi lacedemonio, era intimo amigo do Deus Apollo, o qual, o matou involuntariamente, com um lançamento de disco. Do sangue de Hyacintho, nasceu uma flor (jacinto).

(Continua) — *CORRÊA LEAL*

A REUNIÃO DE QUARTA-FEIRA

Um combatesinho; uma comedia; uma exibição agradavel; um acto de grand-guinhol.

Volto a insistir: se não tratam de arranjar um feltro para cobrir o taboado do ring, arriscam-se todos os interessados a passar um dia um mau bocado.

Não passou despercebida a ninguem a queda de Albano Martins, que felizmente não teve consequencias, mas podia ter sido muito grave. Cahiu absolutamente desamparado e a pancada da cabeça no solo contribuiu poderosamente para o adormecimento.

Ferreira Junior fez um combatesinho muito aceitavel. Dizem-me que ha tempo a sua vida de pugilista é irregular, o que lhe tem feito uma má reputação, por faltas voluntarias.

Desejo que a victoria d'hontem, o anime a entrar no bom caminho.

Não lhe faltam qualidades e geito para defender lealmente o seu nome, sem necessidade de recorrer a expedientes condenaveis.

Albano fez contra Ferreira o numero que o temos visto fazer ultimamente contra os adversarios: levou estoicamente a sua sova. Parece que se convenceu intimamente que não deve procurar ficar de cima, uma vez por outra. Assim tambem não. E' preciso que modifique a modestia das suas ambições.

A estreia do Kid nacional contra Faustino, foi comica.

O negro é um principiante muito no principio, mas tem todas as probalibilidades de vir a dar que fazer aos nossos melhores profissionaes que ahi andam no giro. Ensinem-lhe alguma coisa e d'aqui a uns meses falaremos.

Se lhe teem dado ordem de avanço desde o primeiro round, Faustino retiraria no segundo.

Não quero levantar falsos testemunhos mas ficou-me a impressão d'um arranjo o combate Fernandes-Mars.

Não só a marcha do encontro como o primeiro combate justificam a minha impressão.

Se na verdade Fernandes fez concessões ao seu adversario, não é caso para o felicitar. A sua generosidade só lhe é prejudicial.

Santa-Morgan foi, como não podia deixar de ser, um disparate que é bom não se repita.

O encontro de dois homens, com uma diferença de 30 kilos é combate para fazer no papel, mas nunca no ring.

E' escusado justificar a impossibilidade de pôr em frente d'um Santo um homem de 73 kilos, seja qual fôr a diferença de classe.

O resultado será sempre aquela vergonha.

De modo nenhum se devia ter prolongado aquela scena miseravel e ao 2.º round estava mais que indicado suspender o encontro por falta de combatividade de Morgan, que como não podia deixar de ser só podia aguentar-se em sé cobrindo-se exageradamente.

Ter-se-hia poupado a um publico que se mostra dia a dia mais familiarisado com o box, o tristissimo espectaculo em que tão ridiculo foi o vencedor como vencido.

Uma experiencia d'aquelas basta uma vez.

F. GUEDES

HONORIO COSTA

Quartanista de direito, Honorio Costa tem-se afirmado como elemento excelente em todos os ramos da actividade sportiva.

Com uma «souplesse» e «detente» invejaveis, o ilustre representante do Internacional tem obtido as mais altas classificações nos campeonatos de atletismo, conseguindo por vezes conquistar o titulo de campeonato nacional em duas e mais provas.

Assim, nos campeonatos de Portugal de 1922, Honorio conquistou as 110 metros barreiras e os saltos em extensão sem corrida; nos de 1923, ganhou as referidas provas assim como o lançamento do dardo.

Jogador entusiasta de foot-ball, Honorio conseguiu que a sua escola ganhasse ha dias a Taça Pinto Basto.

Atleta passuidor de todos os quesitos indispensaveis para triunfar, o conhecido sportsman, muito teria a lucrar com uma maior perssistencia aos treinos, de modo a melhorar e a aperfeiçoar as suas qualidades formidaveis.

PELO ESTRANGEIRO

HOCKEY

A Inglaterra vence a França por 5 a 2

Nos encontros anuaes estabelecidos entre a França e a Inglaterra, a partir de 1906, os francezes só conseguiram um match nulo sofrendo na generalidade copiosas derrotas.

Este ano, a equipe franceza ofereceu uma melhor resistencia, aos excelentes jogadores ingleses e conseguiu mesmo obter dois pontos dignos de registo.

A equipe da «Rosa» fez uma exibição impecavel, com uma linha intermédia fantastica e trez avançados formidaveis.

Se atendermos porem que o hockey em campo, possue em Inglaterra 100.000 adeptos e apenas 2.000 em França, o ultimo resultado acusa nitidos progressos dos franceses.

FOOT-BALL

As tournées dos sul-americanos

A victoria merecida da equipe do Uruguay, no campeanato dos Jogos Olympicos de Paris, fez convergir a atenção da Europa sportiva sobre os grupos da America do Sul.

Uruguayanos, brasileiros e argentinos foram convidados a pisar o velho continente, para a realisação de numerosos encontros internacionaes.

O Uruguay scioso do seu triunfo, enviou a equipe olympica, com o rotulo de Club Nacional de Montevideo.

Como a tournée foi iniciada em França, os sucessos teem sido relativamente faceis e tem servido de treino de conjuncto. O seu primeiro match de responsabilidade é contra o Genoa, club de 1.ª classe do norte de Italia.

Os brasileiros, enviaram o club Paulistano, cuja estreia foi primorosa, dominando a equipe da França por 7 a 2.

Mas em Cette, os jogadores de S. Paulo num desafio contra o club local, foram dominados por 1 a 0. O seu prestigio sofreu assim um rude golpe.

Os argentinos, representados pelo Bocca Juniors, de Buenos Ayres, iniciaram a tournée em terras de Hespanha e a sua missão tem sofrido fortes desilusões.

Batidos pelo Celta, no seu jogo, por 3 a 1, foram dominados pelo Real Irun por 4 a 0 e pelo Arenas de Guecho, por 4 a 1.

Os urugayanos são portanto os unicos, que ainda não sofreram uma unica derrota, tendo feito matche nulo, uma vez com a equipe da França.

Bailados russos no Eden

Cinemas, teatros e circos

«AS TANGERINAS MAGICAS»

Noutro local vai, assignada pelo nosso brilhante colabórador Armando Ferreira uma critica, como todas as deste jornalista, independente e implacavel de rigorismo. Seja-nos permitido nesta nota, com o respeito que lhe é devido, não concordar inteiramente. A nosso ver os honestos trabalhadores e artistas que são os scenografos que trabalharam nessa peça fizeram o que souberam e puderam, e com valor dentro dos seus pontos de vista artisticos. A crise foi principalmente da falta de uma só cabeça a organisar e a dirigir, sujeitando todo o «ensemble» decorativo a um plano. Uma montagem deve ser de um artista só, com o maximo de liberdade e de responsabilidade. Assim é lá fóra.

Concurso Teatral

Lá vai a minha piada
Ao concurso do jornal;
Uma vez que é publicada
Remeto em carta fechada
A ver se não há egual.

COSTA.

Eu queria ter muitos votos
D. Auzenda d'Oliveira
Não lhe dou só o meu voto
Dou-lhe a minha vida inteira!

UM SELVAGEM...

Dotes de vate não hei,
Custa-me mesmo a rimar;
Mas é á Dulce d'Almeida
Que o meu voto vou dar.

O 1ª FILA.

A Auzenda d'Oliveira,
P'la sua eterna beleza,
E' que vai ser a primeira
Do concurso, com certeza.

G. B.

Da Auzenda um olhar,
Chorarei até morrer;
Que encantos tem seu cantar!
Alegre me fáz sofrer.

UM BILONTRA.

Quero que vá p'rá berlinda,
Neste concurso de aposta,
A mais rica cara linda:
— A «divete» Laura Costa.

XICO — XÔTO.

Que Auzenda ganha o concurso
Todo o mundo ai o diz,
Não se lembrando decerto
Que a Laura Costa é actriz.

A. MAGNO.

Meu papá é meu amigo
Deu-me uma boneca de prenda.
Por eu gostar tanto dela
Puz-lhe o nome de Auzenda!

UMA CONCORRENTE COM 9 ANOS.

A mais linda já sabeis
Laura Costa deve ser
Fez-me gastar dez mil reis
Em bilhetes no Mayer

DAVID CARVALHO

Laura est jolie,
Je sens l'aimer,
Et sa follie
Me fait rêver...

Mon vote à elle
Est bien sincère.
Elle est ci belle;
C'est ma prière.

DUMAS (PETIT-FILS)

Não ha em todo o paiz
Melhor bom-bon á «garçone»
Que a Dulce do S. Luis
Amargar de um.

ESPICIONE.

Dulce! Rainha de Huris
Vendo os encantos que hás no
Benamor do S. Luis
Ando mesmo parvo,

UM ASNO.

BAILADOS RUSSOS NO EDEN

Á UNHA, POETAS!

O NOSSO FORMIDAVEL CONCURSO

CERCA DE 600 QUADRAS NO NOSSO JORNAL!

UM EXITO SEM PRECEDENTES!

QUEM GANHARÁ?

Laura Costa?
Auzenda de Oliveira?

As duas actrizes mais votadas são Laura Costa a gentil divette, *e Auzenda de Oliveira a deliciosa actriz.*

A primeira tem 57 votos a segunda 39, nas poesias que estão em nosso poder, e são ás dezenas, ás centenas, as quadras que ainda estão entrando. Nunca calculámos um tão grande exito!

Depois, Dulce de Almeida, Satanela. Amelia Rey Colaço e tantas outras estão tambem em bela situação.

Aproxima-se pois o momento sensacional em que será proclamada

A RAINHA DA BELEZA

dos palcos portuguezes e o mais

FELIZ POETA

eleitor da gentileza femenina.

QUEM GANHARÁ

LAURA COSTA? AUZENDA DE OLIVEIRA?

noites de primeira

AS TANGERINAS MAGICAS OU A ESTREIA DAS «FERIES» AMESTRADAS NA TRINDADE

numero de sensação desta semana foi, apresentação das *feries*.. amestradas pelo notavel domador de teatros José Loureiro, e pelo antigo *menager* Luiz Galhardo.

O publico que tinha sido ensurdecido pelo tam-tam do reclame e pelos tubos da publicidade ficou desolado porém com o espectaculo e crê piamente que afinal o sr. José Loureiro é que foi lançado .. ás *feries*.

Sem nomes pomposos da extranja e em portuguez claro, parece-nos o caso um grande exemplo de *conto de vigario* de que foi vitima o bom, o generoso sr. José Loureiro.

Pois dispensando ele o melhor de duzentos e tantos mil escudos para pôr em scêna uma peça, e dando trabalho a centenas de creaturas, algumas com responsabilidades artisticas, nenhuma lhe disse, sinceramente, desassombradamente que o espectaculo resultante era uma sensaboria sem um grito sequer de modernismo, de côr, de originalidade? Todos se lançaram sobre José Loureiro para ganhar aqueles milhares de escudos e não se importaram de ver o resultado! A sua iniciativa; o seu rasgo generoso, não foram aproveitados devidamente e amanhã será mais um desiludido atribuindo ao publico ... falta de gosto!

A peça ... Porquê as *Tangerinas Magicas?* Insonsa, estupida, do pior que Garrido manipulou, só se admitia numa empreza que preferisse dar 800 escudos a um detentor de direitos do falecido auctor, a pagar um original novo. vivo, movimentado, moderno! E a peça é tudo. O auctor o cerebro daquela gerigonça toda. Ali não ha cerebro!

A musica ... é amorfa, insipida. Nem uma nota de originalidade. Como tudo aquilo parece desafinado na epoca dos *jazzs* e dos silofones!!

Mas os scenarios ... onde se consumiram prodigamente centenas de contos são a nota mais triste de espectaculo!! Porque se gastou tanto dinheiro!!! Porque tudo aquilo é velho com muitos recortes de postal ilustrado, muitos douradinhos, sem modernismo algum ... A apoteose do velho processo... Sem duvida! O enterro ... de gala da velha scenografia!

O guarda roupa ... todo e todo *chic*. O desempenho ... *A torre de Babel* traduzida para a nossa lingua. *Pilag a falag português,* Brandão Sobrinho, ou antes o João... Brandão da Arte, Henrique Alves com a sua bela voz de tenor e Cremilda de Oliveira ainda a chorar, costume que lhe ficou da *Vivette*. Todos com muito boa vontade, mas ...

Que belo esforço perdido e principalmente que grande maldade feita a José Loureiro, merecedor de maior sinceridade por parte de todos aqueles que o rodeiam e a quem dá tanto dinheiro a ganhar.

ARMANDO FERRÉIRA

Quem gosta do Afonso, é Afonsista.
Quem prefere o Camacho, é Camachista,
Eu não sou da direita, nem esquerdista,
Voto na Laura Costa, sou... Laurista.

POLITICO.

A lista nunca mais finda
Mas eu acho entre as belésas
Aura Abranches a mais linda
Das artistas portuguesas.

J. F. G.

Em qualquer parte do Mundo
E ao lado das mais bellas,
E a Auzenda de Oliveira
A melhor de todas ellas.

KILÉ.

Palra a pêga e o papagaio,
Zurra o burro na encosta,
E os pobres pombos arrulham
O nome da Laura Costa.

CHAUDIÈRE.

Lisboa tens em teu seio
A mais fulgurante belesa
Laura Costa, é o enleio
Do Clero, Povo e Nobresa.

FAFER.

A mais linda é a Laurinha
E mais doce do que o mel
—Vejam na baixa á tardinha
Com o seu casaco de pele

RUI PERES DURÃO

Junto ao queixinho, tem um sinal
Um palmo e meio, de altura tem,
Chama-se Laura, Costa tambem,
A seu favor, voto afinal

RETARDATARIO

Quem p'la beleza me encanta
A quem quero cem ardôr
E por isso em quem eu voto
E' na Irene Benamor.

ESTRELLA ***

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 12

Auzenda d'Oliveira	23 votos
Amelia Rey Colaço	10 »
Luiza Satanela	10 »
Laura Costa	12 »
Dulce d'Almeida	1 »

S. CARLOS — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

NACIONAL — O abade Constantino com Chabi, e toda a companhia. Grande exito de sentimento. Enchentes.

S. LUIZ — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos. Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO — Fechado temporariamente.

AVENIDA — Espectaculo, alegre ouvidos pela brilhante companhia de Pedro Barreto. Explendida companhia. Arte e elegancia.

POLITEAMA — O grande exito «Massaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara. Toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE — Tangerinas Mágicas — feeries e revistas grande mágica de Eduardo Garrido Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

COLISEU — Grande sucesso de cinema. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno.

O vigario lá fóra

UM POUCO DE HISTORIA — NÓS E ELES — OS «SALVA-VIDAS» — ANDAR DE ELECTRICO — O VIGARIO FUNEBRE E COMOVENTE.

Vigarismo é uma industria portuguesa? Temos o direito de nos orgulhar com essa faceta da inteligencia nacional? Ou, pelo contrario, o «vigarismo» é uma importação, como tantas outras, uma adaptação ao portuguez, uma imitação como aquelas que costumam aparecer por ahi nas montras dos livreiros e nos cartazes dos teatros?...

Perdõe-nos o leitor a desilusão com que o vamos ferir. Perdõe-nos e não acuse agora de maus lusitanos, de anti-patriotas, de Migueis de Vasconcelos do jornalismo. O «vigarismo», que os espanhoes, com aquela ancia de fazer a união iberica declaram ser «el cuento del portuguez»—foi, em Portugal iniciado por um galego... E' triste, bem sei, ver, de subito, saltar para as mãos d'um estrangeiro, uma gloria que julgavamos nossa, muito nossa, só nossa...

Mas, não era preciso o exemplo dum galego—Ruiz Morcheo—que, em 1861, realisava em Portugal as primeiras proezas que mais tarde recebiam o nome generico de «conto do vigario»—para que se provasse a internacionalidade d'um sistema de apanhar dinheiro aos incautos. A escroquerie franceza que tem já bastantes seculos, foi a mãe do vigarismo. E' o «Prouler» inglez; e o «timo» espanhol, e o «colavarri» italiano...

* * *

Os vigaristas internacionaes são, em geral, mais interessantes que os nossos —e isso sem melindrar os ilustres compatriotas. Ha-os de todas as classes e de todos os trajes—desde os que usam monoculo, dão banquetes, se relacionam com literatos—até aos que, mais modestos nas suas pretenções, se contentam em oferecer «passes mais baratos» ou maquinas de fabricar notas falsas.

Conhecemos um que durante muito tempo viveu de salvar a «vida aos reis e chefes de Estado». O seu processo era simples e... humanitario. O rei Ervilha XXXIII ou o presidente da Republica da Bestalania praticara qualquer violencia... E o nosso homem, num pais vizinho basofiava logo de conspirador; reunia exaltados, fazia chamada a capitaes... anarquistas (para os gastos de viagem, já se vê). Quando chegava o momento de eleger o que devia sacrificar-se e ir cometer o atentado contra o tirano—o cavalheiro erguia-se e exigia para ele a «missão».

—Fui eu quem iniciou esta obra de justiça! Sou solteiro e odeio a vida! E' a mim que compete dar cabo desse miseravel—e morrer pela causa!

Os outros aceitavam o «sacrificio» a olhos fechados. Entregavam-lhe o dinheiro e ele despedia-se com os olhos razos de lagrimas. Chegava á côrte do rei condenado, e vendia-lhe o segredo... Ganhava a dois carrinhos...

Um tipo modelar de vigarismo intermedio é a dos passes de electricos. Deu-se em Barcelona—cidade que é uma especie de Chatelet para todas as proezas folhetinescas. No terminus d'uma linha de carros electricos—Sans—havia um importante escritorio onde trabalhava uma multidão de empregados. Um dia, apareceu lá um senhor com um bonet com fios doirados:

—Sou inspector dos «tranvias». O Telefone da cabine está em reparação.

Davam-me licença que falasse pelo seu telefone?

Concedida a licença, o cavalheiro punha-se ao aparelho e pedia comunicação para a central:

— D'aqui fala fulano—o inspector... Olhem... mandem depressa o carro de serviço para concertar o fio tal...

Dois dias depois, aparecia de novo e de novo falava com a central. E isto durou uma semana...

Por fim, já todos os empregados do escritorio o conheciam, o cumprimentavam, o tratavam por D. Fulano.

A meio da semana seguinte, o homem surgiu mais uma vez.

— Desculpem-me incomodá-los assim... O telefone da cabine ainda não está arranjado...

Chegou-se ao aparelho, e, como de costume pediu ligação para a central.

— Central? E's tu, Beltrano? Olha queria pedir-te um favor. Ainda ficaram alguns passes... sim... d'aqueles que são para os amigos dos empregados... Sim, homem de Deus... Os que custam vinte pesetas... Ha muitos ainda? Pois então rezerva-me alguns... São para uns primos meus que me pediram...

Ao ouvirem falar em passes de vinte pezetas, todos os empregados arrebitaram as orelhas... Os passes de electricos custam, em Barcelona cento e cinquenta pezetas... Aquilo era um ovo por um real. E quando o inspector abandonou o telefone, todos o assaltaram:

— Veja se arranja um para mim...

— E para mim... Era um grande favor!

— Veja lá... Não se esqueça... Eu vivo muito longe e gasto uma fortuna em carros...

O inspector «não gostava de fazer promessas no ar...» Que ia ver... Talvez fôsse provavel... Ele não queria comprometer-se...

— Em todo o caso... se for possivel... E todos os empregados confiaram-lhe as «vinte pezetas», para que ele não deixasse fugir a oportunidade.

Escusado será dizer que o «inspector de los tranvias» nunca mais apareceu; e quando os empregados daquele escritorio foram queixar-se á policia encontraram lá dezenas de queixas do mesmo genero.

* * *

Existem tambem os vigaristas bohemios, os que não arriscam a liberdade, mas que intrujam os parceiros muito razoavelmente.

Um deles é o poeta L***, muito conhecido em Madrid pelos seus versos e pelas suas proezas verdadeiramente geniaes.

Depois de ter esgotado todo o reportorio de pedinchas e de «trucs»—L*** desapareceu da circulação. Nos cafés, nos centros de cavaco começavam a notar a sua falta, quando ele, numa manhã d'inverno, entra no «Colonial» da Puerta del Sol, com uma grande capa á espanhola, triste, sombrio, olhos humidos e vermelhos. Extranhavam-no. L*** era habitualmente alegre, basofiante, ruidoso...

— Que diabo tens tu hoje, L***?

— Não tenho nada! Deixem-me!

— Mas o que foi?...

— Se tu soubesses?

— O que te aconteceu?

Um silencio. Depois, o poeta com uma voz cava, perguntou:

— E's capaz de adivinhar o que levo aqui, sob esta capa?

— Alguma camisa para pôr no prego...

— Não te rias! Se soubesses...

— Desembucha, homem de Deus...

E ele, abrindo a capa exibiu um pequeno caixão; e desatando a chorar num pranto convulso, acrescentou:

— Morreu esta manhã... Morreu de fome...

— Mas quem?

— O meu filho!... O meu pobre filho! E não tenho dinheiro para o enterrar...

E fazendo menção de abrir o ataude, indagava:

— Queres vê-lo? E' lindo!

E o outro, engasgando-se com a torrada, só com a ideia de ir ver um cadaver, segurou-lhe nas mãos, e não o deixou abrir o caixão:

— Está quieto! Não o apoquentes... Toma vinte pesetas... Vae enterrar o teu filho.

Escusado será dizer que o caixão estava vazio — e que graças a este truc, o poeta — que nunca tivera filhos — conseguiu reunir nalgumas semanas, um peculio muito razoavel.

REINALDO FERREIRA

Lá por fóra

Luigi Pirandelo que acaba de inaugurar em Roma o seu teatro com a presença de Mussolini e de todo o grande publico de «élite» poz em scena uma peça num acto, que mete cem pessoas ao mesmo tempo no palco, e na qual se mata um porco. E', pelo menos, imprevisto.

* * *

Em Inglaterra um estudante de Cambridge decidiu assistir ao enterro de si proprio. Para isso contratou com um enfermeiro do hospital que o prevenisse quando aparecesse um morto parecido consigo. Logo que tal sucedeu, fez-se efectivamente passar pelo morto, figurando um desastre.

Apesar de pertencer a uma familia da primeira nobresa o excentrico jovem foi condenado numa multa enorme.

* * *

A exposição de Maio em Paris, que reune todas as artes decorativas, é o mais formidavel certamen que jamais se tem organisado na capital francesa.

E' triste constatar que nas 127 secções representadas e nos 53 paizes ou zonas caracteristicas que enviam artes e industrias d'arte, Portugal não figura em nenhuma. Viveremos nós?

* * *

Encontra-se em Paris um artista portuense. Enrique Medina, que está obtendo muito exito com os seus trabalhos.

* * *

Os bailados russos que se estrearam ontem no Eden são considerados em Berlim e em Paris, pelo menos nas criticas dos jornais, como uma troupe cheia de harmonia e de brilho. Tal espectaculo levará aquele teatro uma corrente do publico de artistas e de elegantes.

O vigario cá dentro

GATUNOS DA ESPECIALIDADE — COMO ELE SE EXERCE EM LISBÔA—HISTORIA RETROSPECTIVA DO «TRUC»—EM HESPANHA E NA FRANÇA — «GARE AUX FILONS»! — O «TIMO DEL PORTUGÊS» E O VOL À L'AMERICAINE»

JÁ que reclamam o nosso modesto concurso e a antiga pratica que adquirimos, em longos anos de oficio de *reporter*, para a destrinça e estudo de uma especialidade de facto que é conhecida pela designação de *conto do vigario*, queira o leitor armar-se de paciencia e seguir-nos em algumas curiosas revelações que lhe serão talvez uteis pela vida fóra, no actual momento em que a arte de roubar atingiu fóros de verdadeira sciencia, das mais complicadas e complexas.

E' costume generalisar e tem o povo por habito tratar de «vigarista» todo aquele amigo do alheio que se serve de qualquer processo de «escroquerie» para se apropriar do que não é seu. O «vigarista», porém, é um ladrão que apenas «trabalha» pelo seu processo e o «conto do vigario» uma maneira de roubar original e diferente de qualquer outra, embora tenha semelhanças com certos «trucs» e actualmente derive em varias maneiras de empregar a intrugice inicial que lhe serve de base.

O «conto do vigario» — triste é dize-lo — representa uma gloria da arte nacional de deitar a mão ao que é do proximo. Os gatunos que o executam, quer em Portugal, quer no estrangeiro, são na sua maioria portugueses, ou italianos, tendo estes porém aprendido a balda com os nossos compatriotas. O berço do «conto do vigario» foi o Brasil e d'ali foi exportado, não só para a patria dos seus descobridores, como para todos os portos europeus onde tocam navios vindos do sul da America.

Por tal motivo, o «conto do vigario» tomou em Espanha a designação de «timo del português» e, em França e na Belgica, o de «vol à l'Americaine». O termo «conto», em calão de gatuno é sinonimo de burla, e assim se diz: o «conto do tesouro escondido, o conto dos tentos por libras, o conto do vigario». Em espanhol, «timo» corresponde ao nosso «conto».

Tem a sua origem o «conto do vigario» no «truc» empregado pelos portugueses de torna viagem que, deixando de seguir o exemplo dos seus irmãos que ao Brasil iam para trabalhar e enriquecer por meios honestos, se entregavam ali á vadiagem e á pratica do crime. Nesse «truc» caiam sempre os roceiros que vinham ás capitaes de provincia em trato de negocios, com a carteira e o «porte-monnaie» recheiados.

O gatuno andava nas praças publicas, perto dos ancoradoiros ou das estações das linhas ferreas á procura dos «brancos», ou incautos que tivessem escripto na cara a inocencia e a confiança. Ainda hoje, os «vigaristas» chamam ao Terreiro do Paço, onde em geral operam, o «cemiterio dos brancos».

Descoberta a victima, o «vigarista» aproximava-se e perguntava ao forasteiro, como se tambem fosse creatura que andasse em viagem, onde residia o vigario de certa e determinada freguezia. E, como quer que o homem lhe dissesse que não era da povoação, exprimia-lhe então o seu pesar por não encontrar pessoa que lhe desvendasse a morada do citado vigario, pois trazia para ele uma quantia importante em notas do banco, proveniente de uma herança.

Claro que o pacovio, começando a interessar-se pela historia, ou pelo «conto», não tardou em saber que essa herança vinha de um individuo que, tendo morrido recentemente em pecado mortal, legára essa famosa importancia aos pobres, para ser distribuida pelo vigario em questão, creatura muito temente a Deus e a quem o legatario julgava dever o descanço da sua alma, se porventura o legado chegasse a ter o anciado destino que se propuzera dar-lhe.

O gatuno, em todas estas referencias, feitas necessariamente com a copia de promessas que o leitor suporá e arquitectará, não deixava de se lastimar por se encontrar n'uma terra desconhecida onde lhe tinham dito que os ladrões eram aos enxames e onde corria serio risco a quantia de que estava depositario.

E era nesta conversa que aparecia um segundo gatuno, porque os «vigaristas» trabalham sempre em parelhas e em tercetos, que se dizia conhecido do pacovio e tratava, auxiliado pelo primeiro, de lhe arrancar o nome, a naturalidade e outros segredos da sua vida, afim de se inculcar quasi seu patricio, ou pessoa que privava com os seus, oriundo de um logar proximo, companheiro de folguedos e de escola.

E, logo que os dois ficavam seguros de que o pateta estava perfeitamente confiante na lealdade e honradez de que faziam alarde, toca a insinuar a conveniencia de se reunir o dinheiro destinado ao vigario com o que estava na carteira do ingenuo. E, sacada esta do bolso do palurdio, logo o primeiro gatuno puxava da sua e fazia aparecer um gordo masso de notas, que mais não eram do que muitos córtes de jornaes, cobertos com uma nota das que servem nas representações de teatro.

Este masso, que os «vigaristas» organisam com grande proficiencia e a que chamam «paco», tirando esse nome da designação que lhe deram os que em Hespanha praticam o «timo del portuguès», «paco» que os gatunos franceses designam por «bidon», ilude na sua perfeição o maior perito e ninguem dirá, ao ve-lo, que não esteja ali uma verdadeira fortuna.

E' o segundo gatuno que se encarrega de reunir na carteira da victima o dinheiro deste com o legado que se destina ao vigario. E' nesta operação que está a habilidade do «artista», o qual escamoteia da carteira tudo quanto ela encerra e a mete num lenço, juntamente com o «paco», fingindo por vezes meter tambem outros objectos e as joias de que o pacovio se despoja e que ele passa tambem ás «engulideiras».

O lorpa fica depositario do «tesouro» que está metido no lenço, emquanto os dois se afastam sob qualquer pretexto, e só passado muito tempo, quando percebe que os seus interlocutores não mais voltam, se decide a verificar o que tem na sua posse, dando com o «paco» e com a carteira vasia. E, então invariavelmente, corre a queixar-se á policia, mas quando os dois gatunos já teem tempo de estar d'ali a quinze legoas.

E ora aqui tem o leitor o que é o «conto do vigario», com a variante do vigario se transformar num prior, ou num medico, ou num filantropo conhecido. E aqui está como ele se pratica actualmente em Lisboa pelos mesmos gatunos que se servem do «conto do vigessimo» ou da «lista falsa» para enganar os incautos. E ha por ahi agora ladrões de especialidade que são dig-nos emulos do «Brasileiro I» e do «Capoeira», os mais celebres «vigaristas» dos fins do seculo passado, gatunos que por muito tempo residiram no Brasil e vieram d'ali como indesejaveis.

O «vol à l'americaine», já descripto

por Carler, antigo tratadista de assumptos policiaes, pouco difere do «conto do vigario» e, em França, é praticado em todos os circulos onde ha movimento de estrangeiros em transito. São na maior parte italianos, vindos do Brasil ou doutros paises da America do Sul os «vigaristas» em França e exercem a sua perniciosa arte sobre pobres operarios que veem de fóra ou partem a passar um tempo com a familia, levando consigo o peculio de alguns meses de trabalho.

Segundo descreve Villiod, o celebre policia francez que mais a fundo estudou a organisação verdadeiramente maçonica dos gatunos, a operação exigia a intervenção de trez cumplices, que tinham a designação de «leveur», ou descobridor da victima, e de «trimbaleur» e «chiquer», os dois operadores que executavam o «truc».

Este, como atraz dizemos, pouco difere do nosso «conto do vigario» e lá está o mesmo processo da carteira com o «bidon». Em vez de se guardar tudo num lenço, recolhe á «sacoche» da victima, pelo que o «conto» toma tambem a designação de «vol à la sacoche», ou «à la cachette».

E aqui tem o leitor amigo uma pequenina lição sobre essa maneira habil de exercer a triste profissão de larapio. Oxalá que ela lhe aproveite, não para pôr em pratica o expediente, mas para se livrar dos terriveis e endemoninhados «vigaristas», qne são capazes de enganar... a Nosso Senhor Jesus Cristo.

EDUARDO FERNANDES
(Esculapio)

CRITICA

—Meu amigo, digo-te que isto está tudo um cais.
—Ora ahi está por anda tudo ad hoca.

A ULTIMA TOURADA DE CAÑERO OU A INAUGURAÇÃO DUM NOVO SPORT: «TOUROS-WATER-SHOOT»

PELA primeira vez tivemos no domingo ocasião de assistir a um sensacional espectaculo, ainda inedito em Portugal.

Trata-se dum caso que escapou á fantasia de Julio Verne, ou seja a tourada debaixo dágua, a qual é realmente dum aspecto imprevisto.

A arena apresenta-se como num pantano e o redondel, mole como se fôsse de borracha, presta-se tanto aos disparates dos touros como aos dos artistas. Nestas condições claro que os artistas trabalhando num «genero novo» de sport não mostraram amplamente as suas faculdades.

Apesar porem de todas as irregularidades do ambiente, a arte de Simão da Veiga, filho, impoz-se, mais uma vez, duma forma categorica e brilhante, deixando antever para o «az» dos nossos cavaleiros modernissimos, já hoje verdadeira gloria nacional, o mais radioso e admiravel futuro.

Os seus processos que evidentemente têm evoluido muito, estão acompanhando não só a arte de Cañero e de outros, mas creando uma fórma pessoal, o que é a pedra de toque dum artista de arena. Alem do antigo trabalho que se exigia aos nossos marialvas, Simão da Veiga filho fez o trabalho nos tres «tercios», o que o coloca bem na linha de D. Antonio Cañero.

Referindo-nos á 2.ª apresentação do famoso «sportsman» e cavaleiro espanhol, devemos dizer que ela nos deu mais a sensação de novidade que de entusiasmo.

Evidentemente o artista estava fóra do seu «aire» e toureando sem ser em hastes limpas, apenas poude mostrar a sua altissima escola hipica, ladeando e defendendo a montada com superior recorte de elegancia e linha.

É evidente que se trata de alguem que merece as honras de ser considerado um primeiro artista, parecendo-nos contudo que é ainda cedo para em seu nome se dizer já que a Espanha adquiriu sobre Portugal a supremacia do toureio a cavalo. Não é de facto assim. Um país que se orgulha dum Simão da Veiga, dum Antonio Luiz Lopes, dum Nuncio, de tantos amadores ilustres — pode e deve manter, pelo menos. . . até vêr, a sua justa e ainda hoje indisputada primazia na arte de Marialva.

PEPE sem ser LUIZ

—

Realisa-se hoje a abertura oficial da epoca, tomando parte na lide o notabilissimo matador de touros Juan Luiz de La Rosa e o eximio cavaleiro Simão da Veiga Junior, que alternará com o seu colega Ricardo Teixeira.
da epoca.
Chefia o valente grupo de forcados o popular e habil José Luiz de Alcochete.

O sucesso da corrida é incontestavel pois é de esperar que o toureio de Simão Junior não seja inferior áquele em que ultimamente se apresentou.

Os bandarilheiros Agostinho Coelho, Feliz, Raposo, Custodio e Angelillo tambem tomam parte nesta corrida que promete ser uma das mais brilhantes

Os touros são fornecidos pela ganaderia dos Irmãos Terré, da Golegã.

Vida Academica

ORFEON ACADEMICO DE LISBOA

O Orfeon Academico de Lisboa proporcionou-nos na quarta-feira, no teatro de S. Luiz, uma autentica noite de pura Arte. Festa esfusiante de graça e cheia de entusiasmo, a graça viva e o entusiasmo gargalhante duma recita de Academicos.

O programa absolutamente cumprido, teve um acto de concêrto, brilhantemente executado, no qual se fizeram ouvir os eminentes artistas Viana da Mota, Varela Cid, Corina Freire e Lea Bach, que do publico receberam vibrantes aplausos.

Os academicos Ayala Boto e Miguel Almeida, gargantas de oiro, vozes privilegiadas, apresentaram-se como solistas admiraveis, em varios numeros dos quais foram bisados o «Remador» de A. Keil e a «Rapsodia portuguesa» de H. do Nascimento.

Tambem causaram grande interesse os «Romeiros que passam», de Armando Leça e a «Pastoral», de Viana da Mota, pela emotividade com que foram cantados e a «Proposição dos Lusiadas», de H. do Nascimento, pelo soberbo efeito de conjuncto.

E' o maestro Herminio do Nascimento, professor ilustre do Conservatorio de Musica e compositor de grande merito, a «alma-mater» da organisação do Orfeon Academico. Rodeia-o um nucleo de academicos dotados da maior dedicação e do mais devotado carinho: Franco Ferreira, Ayala Boto, Gomes dos Santos, Barradas Nunes, Matos Cordeiro, Silvestre Newton e Anibal da Gama Lança, delegados de cada uma das Escolas Superiores que se acham congregadas no Orfeon.

A comissão directiva e o ilustre dirēctor artistico sr. Herminio do Nascimento, em face do exito da recita do S. Luiz, devem sentir-se recompensados dos esforços que veem empregando e dos sacrificios que não teem negado para a melhor satisfação do seu elevado «desideratum» de fazer do Orfeon um grupo musical de primeira plana.

E a festa a que aludimos, mercê do programa orfeonico e da colaboração brilhante de elementos de incomparavel valor ritmico, marcou bem como magnifico sarau de Arte e um grandioso concerto da Academia.

A. de C.

Bailados russos no Eden

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

ALFA ROMEO — Das duas uma: ou a menina em questão é seria ou não o é. Se é V. Ex.ª deve antes de mais nada apontar-lhe o perigo da convivencia perniciosa e não haverá motivo para que os outros falem. Se o não é, tire-lhe as mãos de cima e empregue melhor o seu tempo em coisa absolutamente defenida. Agora se ela parece mas não é, não importe e deixe-se de lerias.

APAIXONADO—Não caia na asneira de lhe bater. Não ha nenhuma que no fundo não tenha um bocadinho de gosto pela pancada. E acredite, ou V. Ex.ª bate e tel-a-ha presa, ou não bate e ela vai procurar quem lh'o faça.

LILAZ BRANCO—Escreva qualquer coisa mas em grande porção. As mulheres teem a mania de que quem lhe escreve grandes cartas é que está verdadeiramente apaixonado. E sobretudo escreva muitas palavras dificeis. Elas não entendem mas gostam.

MARGARIDA—Tenha paciencia. O que ele lhe está fazendo já sofreu de outra e V. Ex.ª virá mais tarde a fazer o mesmo a qualquer que mais tarde lhe aparece. Andamos todos á róda.

UM SENTIMENTAL — Um pensamento delicado para escrever no leque duma senhora? Pois não. Ahi vão dois á escolha: «O homem é tão parvo que até nem nasceu mulher» — «As mulheres são como as espingardas: Quanto mais seguras, maior é o coice.»

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (*Zépédro*)

QUADRO DE HONRA

REI MÓRA — REI DO ORCO — ZARITA

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 11.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Hei-la.
Charadas em frase: Turba-Multa-Bragada.
Logogrifo: Indecifravel.

—

ENIGMA

A's direitas, linda terra,
Cá do nosso Portugal;
Invertida, podem vêr,
Um lindo pato real.

AFRICANO

•

CHARADA EM VERSO

A tua face mimosa—2.
É a blague mentirosa—2.
Que engana por vocação;
Por isso não creias Rosa.
N'essa blague mentirosa
De eu jogar o meu pião...

REI DO ORCO

•

CHARADAS EM FRASE

Junto ao rio, cousa alguma existe que resulte uma bebida agradavel—2—2.

MILÊNA

•

(A Rei do Orco)

Aposto que o colega não fura com um cacete, outro cacete . . .—2—1.

REI FERA

•

ENIGMA PITORESCO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

pagina feminina

Carta de Paris

Os chapeus deste verão

Os nossos chapeus fazem este verão que, apesar dos frios ainda reinantes, deve estar proximo, um grande e louvavel esforço para se orientarem para a fantasia... Mas dará resultado esse esforço? A linda e graciosa «cloche» que volta á liça vencerá ainda o chapeu medio, o seu novo adversario?

Veremos a grande «capeline» florida na cabeça das ingenuas deste verão? E' possivel, se bem que os cabelos cortados sejam um serio obstaculo para as novas modas, porque os grandes chapeus á ingleza e o penteado á «garçonne» resultariam n'um pessimo conjuncto.

As grandes modistas francezas, no entanto, apresentam um avultado numero de feltros de abas medianas, com capas levemente adornadas ou embelezadas. O levantado á frente parece ser o movimento favorito, se bem que se vejam muitos modelos dobrados audaciosamente e por completo sobre a nuca, n'um tipo muito novo. Mais lá para deante veremos reaparecer os «bangkok», mas o feltro amoldavel continua a ser o grande triunfador e, assim, aparece em todos os tons «pastel», verde claro, tilia, mas sobretudo malva, violeta ou cinzento. O conjunto formado por um pequeno feltro malva ou tilia e um vestido cinzento ou preto é absolutamente a nota do momento.

Mas eis que reaparece uma nova guarnição encantadora e feminina por excelencia: quero falar das flores, que surgem sobre as mais recentes creações, assignadas pelos melhores nomes. O ilustre Bebone poz cravos e rosas, em tufos sobre um lado, bastante descidos sobre a orelha. Helena Thibault, Dumay, Valentine, Blanchot mostram-nos geralmente alguns ensaios e tentativas: cheios de graça, cuja novidade vae decerto fazer sucesso e correr mundo. O costureiro Lewis nos seus modelos apresenta uma grande capeline, cujo fundo todo em petalas de rosas dá uma lindissima impressão de frescura.

Em resumo, teremos novidades, muitas novidades no dominio dos chapeus. A's senhoras de bom gosto compete seguir o movimento e animar estes ensaios e tentativas, não exigindo sempre o pequeno chapelinho (a que os francezes já chamam «bibi») monotono, de que ha duas estações não nos separamos.

As mudanças de estação

Numerosas senhoras ha que, por ocasião das mudanças de estação, reparam que têem a pele levantada ou estragada. A sua primeira ideia, em geral, é atribuir esse efeito aos preparados de beleza que usam.

Ora, por via de regra, isso é um erro. Evidentemente que se usarem productos baixos, ordinarios, sem nome, é possivel que lhes façam mal. Mas esse efeito nota-se em todas as ocasiões.

Nas mudanças de estação o motivo é quasi sempre o resultado do frio, do vento ou do calor. Conforme a qualidade da pele assim resiste mais ou menos a essas violencias de atmosfera e ás diversas temperaturas que nestas ocasiões se estabelecem no mesmo dia.

Por isso, é indispensavel como é evidente que as senhoras que neste tempo tenham de sair não o façam sem passar um pouco de «Créme Balsamico Marya» e «Veloutine Balsamica Marya». São dois preparados garantidos, absolutamente estrangeiros, pois são fabricados pelos mesmos processos modernos usados nas grandes casas francezas, nos mesmos aparelhos e com as mesmas materias primas. Isto se tiverem habitualmente o rosto seco.

Mas caso tenham habitualmente o rosto oleoso, não devem usar crémes. O preferivel é fazerem o seguinte: depois de lavarem o rosto com sabonete bom, passarem pela pele, com um pouco de algodão hydrofilo, um pouco de «Agua Nupcial», que lhes aperta os póros, dá consistencia á pele e segura o pó d'arroz como se fôsse um créme. Por cima, a veloutine ou o pó d'arroz.

Nos casos em que haja grande e constante oleosidade, devem ao deitar da cama e pela manhã, antes da aplicação da «Agua Nupcial», passar sem esfregar, com um pouco de algodão, «Leite Antefelico Marya». E' dum resultado maravilhoso, com a condição de que tenham persistencia. Se abandonarem este tratamento, voltarão a ter a pele oleosa... E ao mesmo tempo, devem ter cuidado com os intestinos, evitando a prisão de ventre.

Historia breve do manequim

No principio foi a famosa boneca Bertin que era enviada, com suas reproducções, de Paris a todos os paizes. Nenhuma mala diplomatica era mais impacientemente esperada. A boneca com as novidades das moda ia a toda a parte estabelecer essa supremacia de Paris no capitulo modas.

Depois nasceu, com a era das simples virtudes burguezas, o pacifico manequim de vime. Era honesto e feio, volumoso e sem graça. Foi o simbolo da tirania conjugal, aos olhos de Anatole France. Caracterisou a epoca do romanticismo.

Todavia, modernisou-se: teve uma cintura de vespa, ancas redondinhas, volteou sobre o seu eixo, ao sabor das novas fantasias. Sobre ele alinhavaram-se os vestidos de «godets», toda uma moda fim de seculo, vaporosa e roçagante.

A seguir, nasceram as grandes ambições dos grandes armazens de novidade: o manequim pretendeu dar a ilusão da vida elegante. nas suas largas montras envidraçadas.

Mas em casa do grande costureiro evoluciona o manequim vivo. Ela ou Ele tem belos gestos, sempre os mesmos, um ar supremamente aborrecido, uma graça ensaiada. E' a elegancia parisiense que se move em longa fila deante dos olhos deslumbrados do estrangeiro.

Com o cubismo, porém, surge uma grande novidade que ainda não passou as portas de Paris, mas que não tardará a viajar por todo o mundo: o manequim d'oiro. Na historia do vestuario, mais tarde, talvez que ele nos faça, a nós gente desta epoca, uma fama de fausto sem egual, de inaudita riqueza. Engano entre tantos: não passa, o novo manequim, de ser madeira doirada...

... Mas não é, afinal, a historia do manequim, a historia da nossa vida?

CELIMÉNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 11

	Brancas	Pretas
1	20—24	28—19
2	3—8	12—3 (D)
3	10—15	19—10
4	4—8	3—12
5	26—30 (D)	12—26
6	30—19—6—13—22—15	

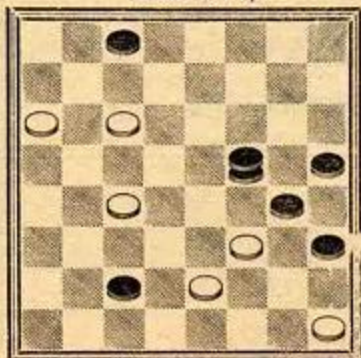
Ganha.

ERRATAS. — A Dama branca do diagrama do problema n.º 11 deve ser preta.

Resolveram o problema n.º 9 os Srs. J. Manuel Pires (Portalegre); Joaquim Carvalho (Alpiarça), José Brandão (Paçô Vieira), Dr. Kibli.

Resolveram o problema n.º 10 os Srs. Soeiro da Silveira, Eugenio Leal, Abrantes Silva, Dr. Kibli, J. Pires, Artur Santos, Antonio Almeida (Celorico da Beira).

PROBLEMA N.º 12

Pretas 1 D e 5 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

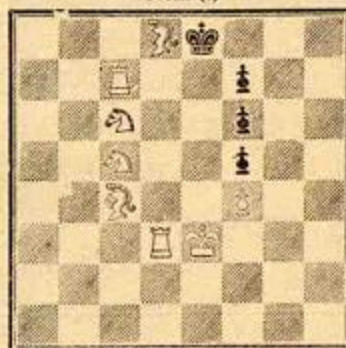
Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 12 (da Pascoa)

O OVO DE COLOMBO

Por M. Lichtenstein

Pretas (4)

Brancas (8)

As brancas jogam e devem dar mate com o P. em 15 lances sem tomar nenhum P. preto, formando uma cruz

—

SOLUÇÃO

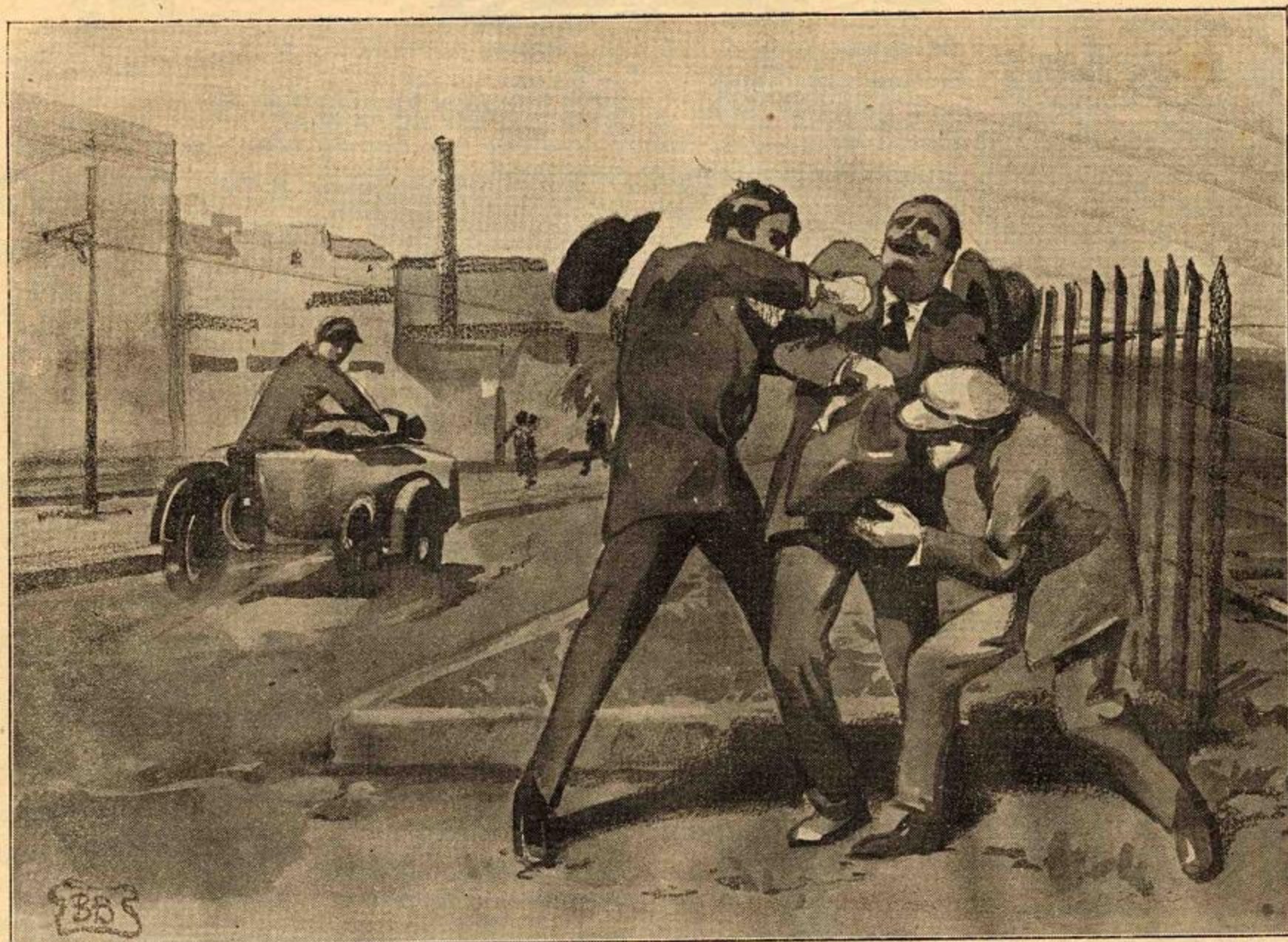
Os lances das pretas são forçados, salvo o 9.º.

Brancas 1 R. 2 R, 2 T. 3. C. R, 3 T. 7. R, -1- , 4 C. 4. R, 5 P. 5. B, 6 C. 5. R, 7 P. 6. B, 8 T. 6. R, 9 B. 5. C, (se as Pretas jogam R 2 B) 10 T. 7. C -1- , 11 B. 7. D, 12 B. 6. R, 13 T. 7. D, 14 B. 7. R -1- , 15 P. 7. B mate.

Se ao 9.º lance as Pretas jogam P. 4. R as Brancas jogam 10 B. 7. D, 11 T. 7. C-1-, 12 B. 6. R etc.

Este problema pertence ao genero dos problemas simbolicos figurativos transfigurativos.

Solução do Problema n.º 10 1 C. 4. D.

OS GRANDES CRIMES DA LEGIÃO VERMELHA

NASCIMENTO FERNANDES, o admiravel artista cómico que vai ser homenageado com um grande espectaculo no Politeama.

GATUNOS, ROTULADOS POMPOSAMENTE DE «LEGIONARIOS VERMELHOS» ASSALTAM UM HONESTO TRABALHADOR EM PLENA RUA, ROUBANDO-LHE 120 CONTOS DE RÉIS E EVADEM-SE COMO EMÉRITOS «APACHES», CONSTITUINDO ESTA PROESA UMA DAS MUITAS AUDACIAS DE BANDITISMO DA ULTIMA SEMANA.

ROMER, o apreciavel artista que actua com exito no Eden em trabalhos de ventriloquia, em que é notavel.

PUBLICIDADE

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS! DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

Fotografia AMERICA

OS RETRATOS MAIS CHICS

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º
(ao Intendente)

LISBOA

TELEFONE N. 8029

OS CHÁS ELEGANTES DE LISBOA SÃO NA

FERRARI

A TRADICIONAL E ARISTOCRATICA PASTELARIA DA RUA NOVA DO ALMADA

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

A Prestações

Fatos e sobretudos no rigor da Moda. — Rua da Escola Polytechnica, 35, 2.º — LISBOA.

Mobilias completas

Casas de jantar, quartos, salas e escritorios em todos os estilos, dos mais luxuosos aos mais modestos. Moveis desirmanados compra, troca e vende nas melhores condições. Fabricante de Maples em todos os sistemas. Veludos, cretones e peles.

Rua Passos Manuel, 41, 43

LISBOA

Confrontai Preços

GABARDINES — KAKIS — COTINS NACIONAIS E ESTRANGEIROS PARA FATOS DE VERÃO

LANIFICIOS

LANIFICIOS

TECIDOS LEVES E DE NOVIDADE. SETINS PARA FORROS. SARGELINS. NOS **GRANDES ARMAZENS DA BEIRA** *Lisboa, 20-22, R. Retroseiros, 24-26*

PERES & ABRANTES, SUCS.

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto:
ÁS 5 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa franceza — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53

LISBOA

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

O ABC-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL ESC. 48:000.000$00 — CAPITAL REALISADO ESC. 24:000.000$00 — RESERVAS ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

O conto do vigario!

No Terreiro do Paço, eterno teatro desta eterna scena, o vigarista e o vigarisado representam os respectivos papeis. O velho cavalo de D. José, preside, e o grosso *bago* do provinciano ficará nas mãos do *papo-seco* a troco dum masso de jornais...

VÊR DENTRO: Reportagem sobre o conto do vigario por *Esculapio e Reinaldo Ferreira*